

## Os “espetaculares” conflitos capital *versus* trabalho: a greve e suas implicações nas narrativas televisivas

The “spectacular” conflicts between capital and labor: The strike and its implications on television narratives

**Fabiana Piccinin**

Universidade de Santa Cruz do Sul. Av. Independência, 2293,  
Bairro Universitário, 96815-900, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil  
fabianapiccinin@hotmail.com

**Patrícia Regina Schuster**

Sindicato dos Empregados no Comércio de Santa Cruz do Sul.  
Ernesto Alves, 1298, Centro, 96810-060, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil  
pati.jornalista@gmail.com

---

**Resumo.** Este artigo propõe-se a discutir como são construídas as narrativas midiáticas a respeito do movimento grevista. Neste caso, vamos usar como exemplo uma notícia veiculada pelo *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, no dia 26 de novembro de 2010, sobre a paralisação dos motoristas e cobradores de ônibus da Grande Vitória (ES). A reflexão aqui tenta evidenciar que estes eventos, no propósito de apresentar a “realidade”, são transformados em notícias dotadas de significados que, por sua vez, reconfiguram o acontecimento jornalístico (seus conflitos, seus personagens...). Por meio da análise pragmática da narrativa jornalística observamos que os embates entre capital *versus* trabalho são reflexo desta sistemática e terminam por retroalimentar consensos sociais importantes sobre o tema.

**Palavras-chave:** narrativas midiáticas, greves, televisão.

**Abstract.** This article intends to discuss how narratives are constructed media about the strike. So let's use the example of a story broadcasted by *Jornal Nacional*, of *Rede Globo* network, on November 26, 2010, on the stoppage of bus drivers and conductors of Vitória (ES). The discussion here attempts to show that these events in order to present the “reality”, are processed in news endowed with meanings that, in turn, reshapes the journalistic event (their conflicts, their characters...). Through the pragmatic analysis of the newspaper story noted that the conflicts between capital and labor are a reflection of systematic and complete by feeding back important social consensus on the issue.

**Key words:** narratives media, strikes, television.

---

## Introdução

Pensar como se articulam as narrativas no contexto midiático, sem sombra de dúvidas, significa percorrer caminhos labirínticos. Sim, narrativas traduzem o “conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos em relatos (Motta, 2007, p. 143). O que, muitas vezes, não nos damos conta é de que estes relatos são interpelados pela linguagem e esta, por sua vez, é um instrumento incapaz de garantir fidelidade ao acontecido. Ela se sustenta num conjunto infinito de armadilhas semânticas. Pêcheux (1995) elucida com maestria esta ideia ao dizer que a língua – enquanto sistema – é a mesma para materialistas, idealistas, revolucionários, reacionários, letrados ou para os que quase não dispõe de conhecimento.

*Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos [grifos do autor] discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que [...] os processos ideológicos simulam os processos científicos (Pêcheux, 1995, p. 91).*

Por conseguinte, narrativas e, particularmente, as midiáticas, não passam de fragmentos fáticos recheados de sentido. É o sujeito que corporifica suas escolhas semânticas. Um movimento que, à primeira vista, parece simples, quase que mecânico. Mas não o é.

A proposta deste artigo é um ponto de partida neste desvendamento. Primeiro iremos debater a forma como as narrativas são construídas à luz dos princípios jornalísticos. Falamos em “linha de produção” jornalística com a finalidade de trazer à tona todos os “pormenores” que circundam a prática de noticiar. Em seguida, abordamos o tema que norteia nosso estudo: as greves. Tentamos esclarecer como

e porquê elas penetram a pauta dos veículos de comunicação. O cumprimento desta tarefa ajudou a entender melhor quais são os procedimentos adotados pela mídia para narrar tais acontecimentos. Para finalizar, trazemos um caso empírico, onde analisamos de que forma a Rede Globo, através do *Jornal Nacional*, constrói a narrativa de uma greve<sup>1</sup>.

Assimilar como se dá essa dinâmica e como os canais de comunicação – e o *JN*<sup>2</sup>, especificamente – arranja essa experiência para os telespectadores trará algumas surpresas e apontará caminhos talvez pouco percorridos até o momento.

## As narrativas midiáticas na linha de produção do jornalismo

À primeira vista, falar em “linha de produção” – conceito de origem fordista<sup>3</sup> – no jornalismo parece algo não muito natural. Não o é se levarmos em consideração a forma como a instância midiática é concebida dentro do sistema capitalista. Tratam-se de empresas que se estruturam de forma análoga às outras organizações do gênero, respeitando, especialmente, interesses econômicos e políticos.

A notícia, tida como a matéria-prima do jornalismo, não apenas respeita padrões de manufatura<sup>4</sup>, como tem sido explorada nos mesmos moldes de um negócio. Passou a ser tratada como mercadoria. Não será por outro motivo que não este que as empresas de comunicação otimizam, cada vez mais, suas cadeias produtivas a fim de dilatar seus lucros. A Rede Globo<sup>5</sup> (que terá uma de suas notícias investigadas neste trabalho) segue o mesmo figurino corporativo das hiperbólicas Wal-Mart, Microsoft e outras tantas. A estrutura em redes – estendida para todos os âmbitos sociais – passa a ser seguida pelas gigantes do mercado (em particular, pelas de comunicação, como a AOL-Time Warner) como importante estratégia de avolumar vantagens. “Além disso, a

<sup>1</sup> A íntegra da notícia que iremos examinar está disponível no endereço: [http://www.youtube.com/watch?v=W8\\_tu90Mkf4](http://www.youtube.com/watch?v=W8_tu90Mkf4).

<sup>2</sup> *JN* é a abreviatura de *Jornal Nacional*.

<sup>3</sup> O Fordismo é um sistema de produção criado em 1914 com intuito de baratear o custo da produção e, por sua vez, o automóvel em si. Sua principal característica é a fabricação em massa e a linha de montagem. Chama-se “fordismo”, graças a seu idealizador, o norte-americano Henry Ford.

<sup>4</sup> Além de seguir regras de apresentação, ela passa, como numa de linha de montagem, pelas mãos do repórter, editor, diagramador, entre outros.

<sup>5</sup> Trata-se do maior conglomerado midiático da América Latina e um dos maiores do mundo. A *holding* Globo Comunicação e Participações S/A (Globopar) – sociedade anônima que reúne e gesta os investimentos da empresa – abriga a Rede Globo de Televisão, Canais Globosat, Globo.com, TV Globo Internacional, Globo Filmes, Som Livre e Editora Globo. Integram o grupo ainda (mas não pertencem à Globopar) o Sistema Globo de Rádio e a Infoglobo (responsável pelos jornais *O Globo*, *Extra* e *Expresso*, com os sites *O Globo* e *Extra* e a Agência *O Globo*).

penalidade por estar fora da rede aumenta com o crescimento da rede em razão do número em declínio de oportunidades de alcançar outros elementos fora da rede”, completa Castells (1999, p. 108).

Mas isso pode não ser tudo. Não bastasse a influência ideológica<sup>6</sup>, é da máquina midiática o papel de investir a realidade de significados (aliás, a trama da significação só é tecida por conta da presença das formações ideológicas<sup>7</sup>). Superficialmente, parece um contra-senso, uma vez que o jornalismo – pelo menos o brasileiro que tem como referencial a escola americana – autodenomina-se imparcial, vigilante implacável da objetividade. Acontece que as notícias são produções simbólicas impregnadas de narratividades. Para além de informar, cabe a elas traduzir, nomear, “batizar” os acontecimentos que irrompem na superfície do cotidiano. Como acrescenta Motta (2007, p. 146):

*[...] narrativas são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades e sob constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder.*

Se as narrativas jornalísticas são fruto dessa dialética (e de fato o são), pode-se perguntar que realidade é essa, dita “fática”, que os canais midiáticos (jornais, revistas, rádio, televisão, sites noticiosos) edificam e reproduzem? Para Jaguaribe (2007) elas são, na verdade, “montagens da realidade” ou “interpretações da realidade”.

*A realidade é socialmente fabricada, e uma das postulações da modernidade tardia é a percepção de que os imaginários culturais são parte da realidade e que nosso acesso ao real e à realidade somente se processa por meio de representações, narrativas e imagens (Jaguaribe, 2007, p. 16).*

Com a liquefação (Bauman, 2001) de padrões culturais, desregulamentação, flexibilização e a aceleração de processos, a necessidade desta estética realista tem se tornado cada vez maior, movida pela busca de experiências de contundência em contraposição à fluidez e porosidade contemporânea. Assim, as narrativas – sobretudo, as midiáticas – terminam

por oferecer “[...] uma intensificação desses imaginários, na tentativa de tornar o cotidiano amorfo, fragmentário e dispersivo mais significativo [...]” (Jaguaribe, 2007, p. 16).

A contradição, novamente, reside na fórmula propagada pela mídia. Parece elementar. Não seria mais do que necessário o “narrador” ter “estado lá” (em muitas circunstâncias isso sequer acontece, já que o repórter apura a notícia por telefone) para que os fatos estejam diante dos olhos do leitor/ouvinte/telespectador/internauta. Todavia, as notícias – como vimos acima – estão muito distantes de ser o “espelho da realidade”. Segundo Charaudeau, a captura da realidade empírica se dá sempre através de um dispositivo que filtra a “cena”, baseado em modos particulares de considerar determinado assunto. “Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvelá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade” (Charaudeau, 2006, p. 131).

O que parece existir é, como aponta Jaguaribe (2007), uma naturalização de que o noticiário seja um registro realista. E essa “noção”, digamos, tem angariado forças superlativas. As políticas culturais vigentes (principalmente, as brasileiras) outorgam aos sistemas de comunicação o caráter de únicas “janelas pedagógicas” produtoras e transcritivas da realidade. A fragilidade apresentada por outras instituições ou modelos informativos – o livro é um deles – reforça esta condição que acaba sendo decisiva para os níveis de efeitos de sentido junto ao campo de recepção.

Ao transferirmos essa discussão à plataforma midiática que norteará este artigo – a televisão e, sobretudo, à Rede Globo, hegemônica no país<sup>8</sup>, este fenômeno promete ganhar contornos ainda mais singulares. As imagens por ela disseminadas têm o poder de reiterar a ilusão de que o mundo está sendo representado tal como ele é. Formas narrativas como o “ao vivo” tendem a dilatar o efeito de onipresença e de realidade. Aliás, não raro, ouve-se a expressão “deu na televisão” (inclusive, nos redutos altamente eruditos, produtores de ciência e conhecimento, como a academia), como estratégia de validar um dado acontecimento.

<sup>6</sup> Como coloca Mariani (1998, p. 101): “[...] é a imprensa ‘um dos instrumentos mais importantes no alto capitalismo’”, daí, não há como não haver comprometimento ideológico.

<sup>7</sup> A ideologia configura-se num dos conceitos-chaves nessa questão. É a partir dela que uma palavra ou enunciado faz “querer dizer”. “É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc. [...]” (Pêcheux, 1995, p. 160). As formações ideológicas são, portanto, que materializam o sentido.

<sup>8</sup> Segundo Piccinin (2007) a Rede Globo pode ser assistida em 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros.

A televisão, por ser o principal meio de mediação cultural no Brasil, ao explorar a narrativa na linguagem audiovisual termina por se tornar uma grande contadora de histórias. Sob o discurso da imparcialidade, o veículo apresenta narratividades, isto é, “a capacidade possuída pelo texto (narrativo) para facultar ao receptor o acesso a ações de dimensão humana, de matriz temporal e englobadas em universos internamente coerentes” (Reis e Lopes, 1988, p. 78-79) que, em poucos aspectos, distanciam-se das construções assumidamente ficcionais. Isso porque, de acordo com Barbosa (2007, p. 16), a “televisão organiza o imaginário, em redes híbridas, onde se entrelaçam o real e o fantástico, a vida e a imaginação”.

Atendendo a esta lógica, o noticiário dos telejornais, e o *Jornal Nacional*<sup>9</sup> talvez seja o mais simbólico exemplo, dada a necessidade de se “falar” para um público bastante heterogêneo (do analfabeto ao doutor, do pobre ao rico), costuma dar serialidade (quase que novelesca) a alguns fatos sociais, transmutar meras fontes em personagens míticos (mocinhos e bandidos) e daí por diante. São enredos que procuram produzir o “choque do real” (Jaguaribe, 2007). Nada de crítica, nada de questionamentos aprofundados, tampouco explicações esmiuçadas sobre os desdobramentos que rodeiam o acontecimento. Apenas “realismo” ou, em outras palavras, espetáculos dramáticos a fim de saciar o público.

A resposta de Jaguaribe (2007) para esse “movimento” discursivo jornalístico vai ao encontro daquilo que postulávamos anteriormente: as produções inseridas nessa perspectiva agora são os filões mais lucrativos dos meios de comunicação. Na certa, é por esse motivo que os eventos grevistas têm se tornado verdadeiros espetáculos televisivos.

## Quando as greves viram notícia

A busca em tentar responder por que um determinado fato vira notícia e outro não, ainda tem sido alvo de inúmeras controvérsias

entre os estudiosos. Nessa dinâmica complexa em que vive o mundo na contemporaneidade, os veículos de comunicação, limitados por questões espaciais e temporais (como é o caso da televisão, já que a internet não enfrenta este tipo de dificuldades), vêm-se cada vez mais obrigados a selecionar, filtrar, escolher. Talvez em nenhum outro momento da história da imprensa os chamados “critérios de noticiabilidade”<sup>10</sup> tenham sido de tamanha valia.

Se a noticiabilidade funda-se numa rede de requisitos exigidos para que – observadas as estruturas de trabalho dos aparatos informativos e profissionais – um evento ganhe a existência pública (Wolf, 2003), cabe a pergunta: quando, então, uma greve “vira” notícia? Antes de concentrarmos nossos esforços em tentar encontrar possíveis saídas para esta problemática, é conveniente esmiuçar quais são esses atributos ou valores-notícias<sup>11</sup> que direcionam o circuito seletivo de um fato. Frente à pluralidade de classificações feitas por diversos autores que trabalham com a temática, optamos pela de Wolf (2003), que elenca: importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas, relevância quanto à evolução futura.

Na aparência, todas as ações grevistas atendem a estes quesitos. Os trabalhadores configuram-se nos principais atores sociais e a possível recusa destes agentes ao trabalho não só envolve um número significativo de pessoas (greves são ações coletivas) – direta e indiretamente (seus familiares) – como gera inúmeras consequências. Situação que, em última análise (dependendo da categoria), pode despertar a atenção de um grande contingente da população, já que a interrupção da produção pode trazer uma série de implicações.

Seria ingenuidade pensar que bastaria qualquer segmento deflagrar uma greve para ele ganhar os holofotes da mídia. Ora, não podemos desprezar que os veículos de comunicação são os donos dos meios de produção jornalísticos, logo, os confrontos capital *versus* trabalho chocam com os seus próprios interesses, mas,

<sup>9</sup> No ar desde 1969, o *Jornal Nacional* configura-se no primeiro telejornal exibido para todo o país e o mais importante programa jornalístico da grade da TV Globo. É um dos mais importantes meios de informação da população brasileira.

<sup>10</sup> Para Wolf, noticiabilidade é “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias (Wolf, 2003, p. 195). Os “critérios de noticiabilidade”, em outras palavras, são, portanto, aqueles que formam uma espécie de corpo de saberes que integram a identidade profissional do jornalista, os quais estão associados à necessidade das empresas jornalísticas de limitar o leque de possibilidade daquilo que pode ser transformado em notícia.

<sup>11</sup> O conceito de valor-notícia vem de Wolf (2003, p. 202): “Valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”.



acima de tudo, com os “[...] interesses de quem detêm o poder político e de seus representantes na mídia” (Berger, 1998, p. 109).

Em obediência à particularidade da notícia não ser um relato qualquer – ele “[...] tem uma especificidade, opera com a exceção e a inversão: a continuidade dos fatos não seduz a notícia, ela só se interessa pela ruptura ou transgressão” (Motta, 2006, p. 10) –, e aos ditames organizacionais/mercadológicos dos *media*, é que as greves terminam por se tornar verdadeiros espetáculos midiáticos.

E isso se dá por uma via de mão dupla. Cientes de que suas demandas, dificilmente, “cabem” nas linhas editoriais, os movimentos sociais (entre eles o dos trabalhadores) passaram a planejar políticas de comunicação. Se antes (sobretudo, do fim da década de 1980) essa era uma prática restrita à agenda dos governos e empresários, agora é de sindicatos, Igreja e outros organismos do gênero. É vital para estes setores publicizarem, chamarem a atenção da opinião pública, para as suas reivindicações. “[...] existe uma ‘cultura da mídia’, um saber intuitivo que informa grupos (culturais e políticos) de que precisam atravessar a mídia para obter estatuto de existência” (Berger, 1998, p. 43). Em função dessa premissa e no intuito de satisfazer a sede que a mídia tem pela novidade (um dos critérios de noticiabilidade), estes movimentos promovem piquetes, passeatas, cerimônias religiosas e outros expedientes. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) foi um dos casos exaustivamente estudados por Berger (1998).

Na outra direção estão as plataformas midiáticas. De posse da matéria-prima que os próprios personagens envolvidos nestas circunstâncias produzem, elas – como se estivessem no preparo de uma receita de bolo – reúnem cada um destes ingredientes, misturam e, a partir daí, produzem as narrativas espetaculares. Aliás, cada vez mais a vida político-social tem sido moldada pelo espetáculo. Leia-se por “espetáculo”, “aqueles fenômenos de cultura da mídia que representam valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto seus modelos para a solução de conflitos” (Kellner, 2004). É como se os meios de comunicação e, sobrema-

neira, a televisão, se visse “condenada” (Charaudeau, 2006) a comover seu público.

*Para satisfazer esse princípio de emoção, a instância midiática deve proceder a uma encenação sutil do discurso de informação, baseando-se ao mesmo tempo, nos apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos das crenças que aí circulam – pois as emoções não são um inefável aleatório. Elas são socializadas, resultam da regulação coletiva das trocas (Charaudeau, 2006, p. 92).*

Encapsulada nesta noção e mediante a imperiosa obrigação dos *media* em “autoevidenciar” a realidade é que as greves são narradas. Mocinhos, bandidos, heróis, balas de festim, gás lacrimogêneo, cacetetes, corre-corre. Verdadeiras arenas de batalha. Esse é o registro “realista” que vem sendo naturalizado na produção dos noticiários no que tange aos episódios grevistas.

### **Greve dos rodoviários da Grande Vitória: a “realidade” de um cenário de guerra**

Antes de imergirmos no objeto analítico, é prudente tecermos alguns esclarecimentos. Optamos por delimitar nosso *corpus* em apenas uma notícia dado o caráter deste trabalho (um artigo). Nem por isso, desprezamos que as narrativas jornalísticas (e no caso das greves isso é patente) carecem de um olhar mais global. É partindo da premissa de que “é preciso conectar as partes, identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese [...]” (Motta, 2007, p. 147-148), que examinaremos nosso dispositivo.

Dito isso, concentremo-nos no nosso objeto. É 26 de novembro de 2010, por volta de oito horas da noite. Como acontece de segunda-feira a sábado, durante cerca de 300 dias no ano, toca a vinheta de abertura do *Jornal Nacional*. Na escalada<sup>12</sup>, Fátima Bernardes, ao lado de Willian Bonner, ambos apresentadores do telejornal, chama para a greve dos rodoviários da Grande Vitória. Logo na cabeça da notícia – lida pela jornalista – temos os primeiros indícios da forma como o fato será narrado: “Mais de vinte ônibus foram queimados ou depredados hoje na Grande Vitória, no terceiro dia da

<sup>12</sup> São as manchetes do telejornal. Lidas sempre na abertura do programa, servem para prender a atenção do telespectador e informá-lo de quais serão as principais notícias daquela edição.

greve de motoristas e cobradores”.

Imagens de um ônibus pegando fogo e outros sendo destruídos (vidros estourados, carroceria depredada...) representam o primeiro ato da batalha épica – ou quase isso – que estaria sendo contada pelo JN. Na sequência, o repórter entra com o *off*<sup>13</sup> trazendo os detalhes: número de carros já danificados, volume de pessoas lesadas, consequências da ação (trecho de uma estrada bloqueado)... Sob essas informações, perpassam, freneticamente, cenas do corre-corre da população, da tropa de choque, munida de bombas de efeito moral, marchando contra os manifestantes, dos bombeiros apagando o fogo das carcaças que restaram dos veículos. De repente, é uma senhora que passa a roubar as atenções no vídeo. Numa sonora<sup>14</sup> ela esbraveja, “despeja todos os seus monstros” – para ser coloquial – no microfone timbrado com a logomarca da Vênus Platinada<sup>15</sup>. Diz estar sendo feita de “palhaço” (sic) pelos trabalhadores grevistas. Para fechar a “história”, um novo *off* falando dos encaminhamentos que polícia e justiça estariam dando ao fato. Sobre o texto, mais imagens de violência (fogo, correria, policiais armados...). Se os recursos iconográficos não foram suficientes para convencer os telespectadores da “baderna” promovida pelos grevistas, o texto completou o trabalho: “Pelo menos quinze suspeitos de depredar e também de atear fogo nos ônibus estão presos. Os motoristas que foram obrigados a abandonar os veículos durante os ataques estão ajudando a polícia a reconhecer os criminosos. A pena por incendiar ônibus pode chegar a oito anos de prisão”.

A narrativa jornalística, como se pode ver, foi arquitetada nos moldes do que prevê Motta (2007). Como acontece nas obras literárias, a situação inicial da notícia veiculada pela *Globo* traz uma anormalidade: a greve transformou-se num fenômeno de ainda mais impacto social na medida em que os grevistas começaram a ferir a ordem pública. Se a intenção era arrebanhar o telespectador com dramaticidade,

esta matéria<sup>16</sup> cumpriu com o seu papel. A propósito, foi esse, provavelmente, o mote que a levou a integrar a pauta do telejornal.

Na continuação (meio), uma fonte externa (a senhora entrevistada pela reportagem) é convocada a corroborar o quanto estes episódios são nocivos para a população. A estratégia é robustecer o discurso negativo para a greve. Elas, as fontes:

*[...] recuperam fragmentos anteriores de significação necessários à reconstituição semântica do enredo. São estratégias de linguagem, movimentos retrospectivos para recuperar a memória de eventos ou episódios anteriores ao presente da ação e têm uma funcionalidade orgânica na história (Motta, 2007, p. 151).*

No fim da narrativa, a possibilidade de nos próximos dias o movimento voltar à mídia e, em particular, ao JN. A possível identificação dos “criminosos” e a aplicação da pena representam, para além de mecanismos de tensão, alternativas para no futuro (dias 27, 28...) virar um novo capítulo. Poderíamos cogitar quem sabe a prisão dos grevistas, novos conflitos ocasionados por conta dos embates da greve.

Em um minuto e trinta e oito segundos vimos pouco de um “clássico” movimento grevista – patrões, empregados, reivindicações. A narrativa elaborada pela equipe de reportagem do JN apresenta, entrincheirados de um lado, os grevistas, de outro, a polícia e a população. Isto é: bandidos *versus* mocinhos. Essa é a construção semântica.

Isoladamente, os manifestantes poderiam até transparecer certa neutralidade, mas dispostos à paisagem em que estão, terminam por se tornar sujeitos adjetivados: “baderneiros”, “bandidos” e até “criminosos” – como, literalmente, eles foram intitulados pela notícia. Quanto à fonte entrevistada, não envolvida diretamente no assunto, não passa de uma personagem aliciada pelo narrador para referendar o caráter objetivo, impessoal do jornalismo. Ora, é uma pessoa “real”, praticando gestos e expressões comuns à natureza humana que está

<sup>13</sup> Locução do locutor ou repórter sobre as imagens de uma notícia ou reportagem.

<sup>14</sup> A sonora é um recurso jornalístico utilizado tanto na televisão, quanto no rádio. É por meio dele que a opinião de alguns “personagens” envolvidos num dado acontecimento aparece. Tais “personagens” – cabe ressaltar – são escolhidos a partir de critérios subjetivos (seja do repórter, do editor...). As falas são pinçadas/recortadas e aparecem na voz da própria fonte. Esses “trechos” também passam pelo crivo dos “atores” envolvidos com a prática jornalística, ou seja, são selecionados, editados.

<sup>15</sup> Vênus Platinada é uma espécie de apelido que tem sido usado para referenciar a Rede Globo. Ele faz alusão à entidade mitológica que a emissora queria representar no Brasil.

<sup>16</sup> Neste artigo, “matéria” tem o mesmo significado de “notícia”.

ali reclamando. Diz ela: “Estamos desde cinco horas da manhã dentro do terminal e não tem um ônibus. Quer dizer, fazendo nós de palhaço (sic)”.

A respeito do narrador, é importante observar que, nesta circunstância, ele lançou mão de uma importante estratégia comunicativa: a de distanciamento. Ele sequer gravou um boletim ou passagem, a fim de evitar que suas “digitais” fossem impressas ao fato.

*O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utiliza recursos que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar sua mediação. É um narrador que nega até o limite a narração. Finge que não narra, apaga sua presença (Motta, 2007, p. 155).*

Por fim, a notícia do JN a respeito do movimento grevista dos trabalhadores rodoviários de Vitória honrou a cada uma das condições que pudessem convertê-la em uma verdadeira e literal ocorrência do “real”. O entorno cognitivo compartilhado com os telespectadores sobre esse tema não deixa outra saída: os personagens, o narrador, o texto (de cunho dramático e que, em alguns momentos, priorizou números, informações “duras”, na intenção de alargar o efeito de veridicidade), as imagens... Tudo isso foi operacionalizado de maneira que as greves, simbolicamente, soassem como balbúrdias urbanas.

Nenhuma implicatura ou pressuposição. Essa é a “realidade” grevista do JN que vai sendo cristalizada entre os interlocutores. Para soltar essas “amarras” ético-moralistas (de que o trabalho enobrece...) só mesmo praticando exercícios como esse, em que se consegue alcançar (ou chegar muito próximo) ao que está por trás desta cortina de fumaça: não existe esse “real” bucólico, idealizado e vendido pela mídia, uma vez que, absolutamente, nenhuma narrativa jornalística passa ilesa ao domínio simbólico.

## Considerações finais

O estudo das construções narrativas, por si só, segue sendo um árduo desafio. Quando combinado ao universo midiático e às complexas e intrincadas relações oriundas entre capital e trabalho, essa “aventura” anuncia emoções ainda maiores. Aqui, conseguimos apresentar como se dá esse processo.

Percebemos que, assim como nas narrativas literárias, as jornalísticas são edificadas ao sabor de estratégias que tentam – em nome de maiores tiragens, pontos no Ibope<sup>17</sup> – envolver seus públicos alvos (leitores, ouvintes, telespectadores e internautas). Os textos – comprometidos em produzir o chamado “choque do real” – sofrem um empacotamento de sentidos que “amortece, banaliza e pulveriza a apreciação crítica, porque eles se constituem como discursos preordenados que visam provocar respostas previamente estipuladas” (Jaguari-be, 2007, p. 105).

Foi isso que detectamos na narrativa construída sobre a greve dos rodoviários da Grande Vitória, veiculada pelo *Jornal Nacional*. Sem qualquer contextualização, a gramática – subjetiva e imaginária – utilizada nas redações, produz efeitos catárticos (hoje não fui eu quem ficou sem ônibus, mas amanhã..., hoje não fui eu quem saiu ferido...), explorar contradições, expectativas, desejos, frustrações, jamais transformações coletivas. Motta resume:

*Em outras palavras, estamos afirmando que as fábulas contadas e recontadas pelas notícias diárias revelam os mitos mais profundos que habitam metanarrativas culturais mais ou menos integrais do noticiário: o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante. São essas, na verdade, as grandes metanarrativas culturais que jornalismo nos conta e reconta diariamente (Motta, 2007, p. 166).*

Os sentidos consorciados ao texto do JN, inevitavelmente, estão a serviço da manutenção do *status quo*. Não podemos abstrair que os “jornalistas só destacam certos fatos como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural” (Motta, 2007, p. 164). A superfície das sequências discursivas (como foi o caso da paralisação dos rodoviários de Vitória) potencializa a defesa dos interesses do capital. Ao marginalizar a greve e os grevistas, o discurso da *Rede Globo* é o de que basta o trabalhador se esforçar, ser submisso (não fazer greve) que a sua vida vai melhorar. Sabemos que não é tão fácil assim. Quem agradece e aplaude é o senso comum.

<sup>17</sup> O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, Ibope, é um dos maiores centros de pesquisa da América Latina. Desenvolve estudos sobre mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo, marca, comportamento e mercado. A informação é do site da empresa [www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br).

## Referências

- BARBOSA, M. 2007. Televisão, narrativa e restos do passado. *Revista da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 8:1-21. Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/138/139>. Acesso em: 05/2011.
- BAUMAN, Z. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 258 p.
- BERGER, C. 1998, *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 223 p.
- CASTELLS, M. 1999. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 617 p.
- CHARAUDEAU, P. 2006. *Discurso das mídias*. São Paulo, Contexto, 285 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibope.com.br>. Acesso em: 15/02/2011.
- JAGUARIBE, B. 2007. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 237 p.
- KELLNER, D. 2004. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. *Libero*, 6(11):4-15. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/3901/3660>. Acesso em: 12/2010.
- MARIANI, B. 1998. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro, Revan, 258 p.
- MOTTA, L.G. 2006. *Notícias do fantástico: jogos de linguagem na comunicação jornalística*. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 268 p.
- MOTTA, L.G. 2007. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: C. LAGO; M.B. MACHADO, *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, Vozes, p. 143-167.
- PÊCHEUX, M. 1995. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Ed. da Unicamp, 317 p.
- PICCININ, F. 2007. *Veja a seguir: a transição do telejornal entre a linha de montagem e a rede*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 241 p.
- PICCININ, F. 2005. Produção de notícias em dois mundos. O Newsmaking no jornalismo brasileiro e português. *Sessões do Imaginário*, 10(13):121-132. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/873/660>. Acesso em: 05/2011.
- REIS, C.; LOPES, A.C.M. 1988. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo, Ática, 327 p.
- WOLF, M. 2003. *Teorias da comunicação*. Lisboa, Presença, 271 p.

Submetido em: 13/06/2011

Aceito em: 26/07/2011